
Reflexões a partir da Prática - Análise da Oficina “Conhecendo o Google Drive”⁹⁵

Reflections from practice - Review of the "Getting to know Google Drive" Workshop

Raíra Santos TORRICO⁹⁶

Richard ROMANCINI⁹⁷

RESUMO

Este artigo visa apresentar uma análise da experiência prática de oficina realizada no curso de extensão Encontro USP-Escola para professores das escolas públicas municipal e estadual de São Paulo, tendo como objeto as ferramentas do *Google* e explorando como ela contribui para a ampliação da discussão sobre os benefícios dos usos das TICs nas salas de aulas.

PALAVRAS-CHAVE: TICs; educação; educomunicação; Google Drive; mediação tecnológica.

ABSTRACT

This article aims to present an analysis of the practical experience of workshop held in the extension course USP-School Meeting for teachers of the municipal and state public schools in São Paulo, having as object the Google tools and explore how they can contribute to the expansion of the discussion about the benefits of the uses of the ICT in the classroom.

KEYWORDS: ICTs; education; educommunication; Google Drive; technological mediation.

INTRODUÇÃO

A partir dos estudos realizados na disciplina acadêmica do curso de licenciatura em educomunicação: Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais III, o grupo⁹⁸ foi convidado a realizar uma oficina que compunha o calendário de atividades do programa de extensão

⁹⁵ Artigo apresentado ao Eixo Temático 19: Educação a distância e online, métodos e processos de ensino-aprendizagem em redes, do X Simpósio Nacional da ABCiber, em 15/12/2017.

⁹⁶ Recém-graduada em Educomunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; e-mail: raira.storrico@gmail.com

⁹⁷ Orientador do trabalho. Professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP); Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2006); leciona a disciplina Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais III (ECA); e-mail: richard.romancini@gmail.com

⁹⁸ O grupo inicial foi formado pelos estudantes da licenciatura em Educomunicação Carla Grella, Daniella Fideles, César Augusto e Raíra S. Torrico.

Encontro USP-Escola, realizado em diferentes unidades da Universidade de São Paulo, sendo o objetivo principal deste projeto propor atualizações para professores de diversas disciplinas do ensino médio, com temas e abordagens diversificadas, procurando responder às demandas atuais da escola básica, como por exemplo, o desenvolvimento de habilidades digitais para professores.

Com a proposta de trabalhar o tema da Educomunicação na cultura digital, a reflexão inicial do grupo foi apresentar como, cada vez mais, a tecnologia está presente nos ambientes formais e informais, influenciando o modo de vidas de professores e alunos e modificando a forma como eles se conhecem, interagem e trocam informações e também criar um ambiente de trocas de experiências, vivências e práticas educacionais entre professores e as diferentes propostas desenvolvidas na USP, dentro do período de realização das atividades.

A partir desse contexto, a principal demanda identificada pelo grupo foi atender a necessidade de atualização na formação dos docentes do ensino médio, abordando questões relativas à presença da mídia como ator social e mediação educativa (MARTÍN-BARBERO, 2001), para explorá-la como conteúdo e como estratégia de suas práticas pedagógicas.

DA TEORIA À PRÁTICA – AS REFLEXÕES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PRODUÇÃO DA OFICINA

O computador foi a ferramenta adotada pelo grupo durante toda a construção da oficina, pois, seja como um importante símbolo tecnológico estudado nas disciplinas acadêmicas, seja como uma das ferramentas digitais mais acessíveis atualmente, os integrantes compreendem que computador deve participar da construção de conhecimento dos alunos, tendo o professor como mediador deste processo. O papel recente do professor como mediador é um conceito amplamente debatido no campo da Educomunicação⁹⁹ e será explorado com mais detalhes a seguir.

⁹⁹ Nas palavras do Professor Doutor Ismar de Oliveira Soares, precursor dos estudos de educomunicação no Brasil: "O termo educomunicação já era usado, em 1980, pela Unesco para indicar leitura crítica dos meios (...) Ela vem surgindo na América Latina por meio de grupo de pessoas que se reúnem para usar os recursos da informação na defesa de seus interesses a partir da perspectiva freiriana da comunicação dialógica (...) A primeira prática educacional era observar o comportamento da mídia. Como era prática educacional"

Aqui, cabe ressaltar que o campo de estudo sobre a mediação tecnológica abrange diferentes áreas, sendo considerado interdisciplinar por encontrar pesquisas e referências nas áreas tecnológicas, passando pela comunicação, pela educação e até pela psicologia, no entanto, o foco que a Educomunicação se propõe a analisar refere-se a Mediação Tecnológica na Educação, que “contempla o estudo das mudanças civilizatórias decorrentes da incidência das tecnologias no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das tecnologias da informação nos processos educativos” (SOARES, 2002, p, 119), em ambientes de educação formal, informal e não formal, seja presencial ou a distância.

Desta forma, pode-se estabelecer três relações iniciais da área de mediação tecnológica na educação com a Educomunicação, sendo a primeira:

Algumas das características desta intersecção: a relevância da técnica no âmbito da constituição de novas tecnologias; o impacto da tecnologia no desenvolvimento humano dentro de contextos sociais específicos; a exploração da potencialidade do virtual e do meio digital na constituição dos processos digitais e analógicos; e o papel e o uso das tecnologias no contexto da mediação intencionada pela Educomunicação (COSTA, 2017, p. 59-60).

Cada um dos pontos citados anteriormente apresenta um leque de novas reflexões que servem como bases para estabelecer as relações do tema de mediação tecnológica com a área da educomunicação, no entanto, o foco deste artigo está na análise da oficina realizada para o programa Encontro USP-Escola, de modo que esta discussão não será aprofundada neste trabalho.

A segunda relação estabelecida entre as áreas refere-se às ações concretizadas por meio de práticas que colaboram com o processo de aprendizagem pelos participantes, refletindo, agregando e complementam sobre outras práticas educativas, ou seja, experiências anteriores, através do eixo da comunicação.

Para a Educomunicação, o termo práticas é demasiadamente amplo, podendo ser mais bem-conceituado e encontrado principalmente com o complemento educacionais. Assim as práticas educacionais podem ser compreendidas como “conjunto de usos, costumes,

também usar a mídia e forma alternativa. Então, a mídia alternativa e a leitura crítica da mídia eram dois braços, duas vertentes da mesma prática.” Trechos extraídos da entrevista para a revista Geografia.

modelos didáticos e convenções (...) que sintetizam conceitualmente e geram novos modos de fazer, novos tipos de experiência de aprendizagem estruturada” (COSTA, 2017, p. 26).

Em suma, tais práticas educacionais, podem ser entendidas como todos os recursos, processos e ferramentas que envolvem uma reflexão teórica estruturada, intencional, que termina (ou começa) nas ações dos sujeitos envolvidos na “experiência de aprendizagem estruturada” (formal, informal ou não formal), o autor conclui esta prática como sendo: “ação reflexiva que problematiza, por meio de operações simbólicas, a relação do educando com o mundo e gera o despertar de sua consciência para o incremento de suas ações em sociedade” (COSTA, 2017, p. 26).

Como mencionado anteriormente, esta prática está inserida no eixo da comunicação e ocorre por meio de uma série de indicadores, tanto pela instituição onde foi realizada a oficina – na Escola de Comunicações e Artes – como pela abordagem adotada para o projeto, que será detalhada no próximo tópico.

Por fim, a terceira relação entre as áreas de mediação tecnológica na educação com a Educomunicação refere-se ao papel do professor como mediador. Na Educomunicação, entende-se mediação como a interação entre professor e aluno que “ocorre por meio de um processo essencialmente simbólico e significativo no qual ambos participam ativamente de uma experiência compartilhada com potencialidade de transformação cognitiva e cultural” (COSTA, 2017, p. 47-48). Assim, o responsável por conduzir este processo é o professor, que traz uma carga de intencionalidade ao se comunicar, elaborando um ambiente de estímulos e estabelecendo conceitos que almejam potencializar a capacidade do educando (COSTA, 2017, p. 48), o que caracteriza um novo papel frente a responsabilidade de transmissão unilateral de conhecimentos, imagem tão comumente associada ao docente e que passa a ser dissolvida frente à novas demandas educacionais.

Este novo papel do professor envolve recursos atuais, além do quadro negro e do giz, cabendo também o ensino através das recentes TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação (que não se restringem necessariamente ao computador), tendo como função destaque ajudar o estudante a buscar informações, questionar e formar ideias relacionadas ao que foi estudado e debatido, em um viés educativo mais aberto e construtivista, criando caminhos para que a aprendizagem possa ser percebida como “um processo pessoal, reflexivo

e transformador no qual ideias, experiências e pontos de vista são integrados e algo novo é criado” (SANDHOLTZ, 1997, p.29). Dentro desta ideia, o estímulo ao corpo discente deve partir de algo já vivenciado pelo docente, a fim de permitir algum significado próprio para todos os conteúdos vistos em sala de aula, ou seja, a construção de conhecimentos começa nas vivências previamente percebidas e praticadas pelos professores e, principalmente, pelos discentes. Assim, este novo papel do professor tem a função de acompanhar e orientar os estudantes, ajudando-os a desenvolver aprendizados junto aos *softwares online*

Por TICs, conforme apresentado por Miranda¹⁰⁰, podemos entender que:

O termo Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) refere-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e mais particularmente na *World Wide Web* (WWW) a sua mais forte expressão. Quando estas tecnologias são usadas para fins educativos, nomeadamente para apoiar e melhorar a aprendizagem dos alunos e desenvolver ambientes de aprendizagem, podemos considerar as TIC como um subdomínio da Tecnologia Educativa (MIRANDA, 2007, p.43).

Para a autora, as TICs fazem parte do domínio da Tecnologia Educativa, apresentando também o conceito desta, como “todos os processos de concepção, desenvolvimento e avaliação da aprendizagem”, (MIRANDA, 2007, p. 42) somando três subdomínios importantes para o aluno e sua aprendizagem: “1) as funções de gestão educacional; 2) as funções de desenvolvimento educacional; 3) os recursos de aprendizagem” (MIRANDA, 2007, págs. 42-43).

Assim, para desenvolver o domínio sobre as TIC, a partir das Tecnologias Educativas, é preciso considerar a soma de conhecimentos, competências e atitudes em relação aos computadores possibilitando a formação de uma confiança com a tecnologia computacional para aplicá-la em sua vida diária (MIRANDA, 2007, p.43).

Após a breve contextualização sobre as três relações entre a área de mediação tecnológica na educação com a Educomunicação, o grupo tornou tangível as reflexões

¹⁰⁰ Guilhermina L. Miranda, licenciada em psicologia pela Universidade do Porto. Mestre em Psicologia Educacional e Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa. Ensina e pesquisa nas áreas de psicologia da educação e tecnologia educacional, incluindo teorias e modelos de aprendizagem humana e design instrucional.

apresentadas acima em uma ferramenta tecnológica que atendia os seguintes requisitos: fácil acesso e navegação; uso em diferentes *gadgets*¹⁰¹ e possibilidade de trabalhar de modo colaborativo, conectando estes requisitos com a estrutura projetada para a oficina. Logo, as ferramentas escolhidas pelo grupo foram o *Gmail*, *Google Drive* e *Documentos Google*.

Como abordagem, o grupo priorizou a prática educacional, abrangendo e provocando mais reflexões com os docentes participantes sobre os usos pedagógicos da ferramenta escolhida do que apresentando questões de configurações técnicas, ou mesmo abordando explicações sobre o mecanismo de funcionamento da tecnologia, como a linguagem de programação e códigos por trás do mecanismo de funcionamento, por exemplo.

Desta forma, os envolvidos compreendem que defenderam e atuaram para um ensino mais tecnológico, contribuindo também para a capacitação digital dos estudantes, sujeitos indiretamente envolvidos na oficina, e que se acredita terem usufruído dos conhecimentos adquiridos pelos docentes no programa USP-Escola.

O PROGRAMA DE EXTENSÃO ENCONTRO USP-ESCOLA

O Encontro USP-Escola é um programa de extensão da Universidade de São Paulo, que oferece gratuitamente diversos cursos de atualização ministrados para professores do ensino fundamental e médio da rede pública e privada, durante o período de férias escolares, nos meses de janeiro e julho, acompanhados de palestras e debates de interesse geral, bem como de oficinas e outras atividades culturais, distribuídos ao longo de uma carga horária total de 40 horas.

Durante as atividades, o aprendizado dos participantes é intensificado pela troca entre as vivências e práticas educacionais de professores e as diferentes propostas desenvolvidas na USP, sendo elaboradas de modo transversal para envolver a participação de mais unidades, como o Instituto de Física, o Instituto Oceanográfico e a Escola de Comunicações e Artes.

Os objetivos específicos do programa são viabilizados por meio de temas e abordagens diversificadas, procurando responder a demandas atuais da escola, como: 1) Apoiar-se na

¹⁰¹ Gíria tecnológica inglesa para designar dispositivos eletrônicos portáteis.

Proposta Curricular do Estado de São Paulo nas diferentes disciplinas para o trabalho de atualização dos professores matriculados; 2) Prover o apoio necessário ao trabalho do professor, mediante orientação e discussão de conteúdo e elementos didáticos; 3) Disseminar as práticas desenvolvidas em curso para as escolas; 4) Desenvolver materiais didáticos para o ensino de Ciências e de Física, a serem utilizados nas escolas pelos professores-alunos do Encontro; 5) Produzir e divulgar conhecimentos acadêmicos; 6) Construir kits experimentais.

Sua primeira edição foi em 2007 como Encontro IFUSP-Escola, pois correspondia apenas a cursos de física ministrados por professores do IFUSP. Foram realizadas 7 edições com esse formato, quando em janeiro de 2011, devido à incorporação deste encontro no projeto CAPES USP-Novos Talentos, o mesmo foi ampliado a outras unidades da Universidade e passou a ser denominado Encontro USP-Escola. Desde sua nova implementação, já foram realizados mais de 15 encontros, tendo, até 2015, um total de participantes que ultrapassava 600 professores e atingindo indiretamente em torno de 150 mil estudantes do ensino médio¹⁰².

É importante destacar também que os cursos ministrados durante estes encontros têm o reconhecimento da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza” (EFAP), órgão da Secretaria de Estado da Educação responsável pela validação de cursos, elencando as disciplinas dos Encontros USP-Escola entre os cursos válidos para pontuação dos professores na carreira do Estado¹⁰³.

DA PRÁTICA À TEORIA – DO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA OFICINA PARA RETROALIMENTAR A TEORIA

A partir da pergunta norteadora: Como desenvolver a habilidade de mediação tecnológica nos professores? O grupo foi encontrando a resposta paulatinamente, à medida em que o planejamento da oficina avançava sob a orientação do professor responsável. Para chegar à resposta, o grupo baseou-se em uma série de características fundamentais para o

¹⁰² Não foi possível encontrar dados mais recentes. Estes números foram publicados no último Relatório Anual de Atividades, da Comissão de Cultura e Extensão do Instituto de Física da USP, em 2015. Disponível para acesso nas referências bibliográficas.

¹⁰³ Todas as informações citadas foram extraídas do documento citado acima.

desenvolvimento da habilidade de mediação tecnológica, abordadas na introdução deste artigo.

Apresentado o contexto que viabilizou o embasamento teórico necessário para a oficina e esclarecido também o cenário institucional em que ela foi aplicada, o projeto aconteceu nos dias 13 e 17 de julho de 2015, com carga horária de 6 horas, na Escola de Comunicações e Artes, com cerca de 30 participantes.

Por ter sido elaborada para atender uma demanda específica dentro do programa de extensão Encontro USP-Escola, o grupo limitou-se a explorar principalmente o impacto da tecnologia no desenvolvimento humano dentro de contextos sociais específicos (escolares), de modo que tanto a introdução teórica, como a parte prática do projeto se complementaram para que os professores pudessem compreender e elaborar suas próprias formas para incluir as tecnologias e seus potenciais de uso dentro da sala de aula.

Outra condição levantada pelo grupo foi que os participantes precisariam ser capacitados quanto ao domínio técnico das ferramentas *online*, conforme citado previamente no referencial teórico. Para viabilizar isto, foi necessário inserir uma introdução técnica simples às ferramentas disponíveis no *Google* para, em seguida, planejar e apresentar os possíveis usos em sala de aula, de modo a contribuir com a articulação entre estudantes, professores e as ferramentas como *Gmail*, *Google Drive* e *Documentos Google*.

Definido o calendário de atividades do evento, o grupo estabeleceu que a oficina teria uma duração total de 6 horas, dividida em 2 dias. Os próprios integrantes do grupo foram responsáveis por conduzir todos os encontros, sendo tanto mediadores como monitores para esclarecer possíveis dúvidas durante as atividades. Por se tratar de uma oficina com a temática da Educomunicação na cultura digital, planejou-se as atividades em 3 ambientes diferentes, para que os participantes fossem divididos em grupos e pudessem compreender e vivenciar as vantagens e as dificuldades de se trabalhar com as ferramentas do *Google*. Dessa forma, para viabilizar os objetivos estruturados, optou-se por iniciar o encontro com uma explicação conceitual de aproximadamente 30 minutos, introduzindo questões sobre: 1) As vantagens e desvantagens dos arquivos *online* e *offline*; 2) Os conceitos de armazenamento nas nuvens e do acesso universal aos arquivos *online*; 3) A comparação entre os diferentes serviços de hospedagem *online*.

Após concluir esta introdução, os professores foram divididos em trios para realizar as atividades práticas *online* durante o período restante, de 1 hora e 30 minutos. Durante a realização das atividades, foi possível observar algumas reações.

Para alguns professores, aquele momento foi o primeiro contato com a ferramenta, sendo realizado as configurações iniciais nos aparelhos celulares e computadores disponibilizados para a atividade (como instalar os aplicativos necessários e criar uma conta de *e-mail* no *Gmail*), com o apoio e orientação dos monitores. Já para outros participantes, que faziam algum uso anterior, pessoal da ferramenta, foi um momento para conhecer, entender e explorar certos recursos do *Google Drive*, como criar nova pasta e configurar as opções para compartilhar arquivos com o restante do grupo, além de esclarecer possíveis dúvidas.

Após este contato inicial, os participantes eram orientados a realizarem alguns exercícios com as ferramentas do *Documentos Google*, produzindo um material coletivo sobre atividades educativas para serem apresentadas no segundo dia do encontro. Assim, o primeiro dia da oficina foi organizado para realizar as reflexões iniciais sobre a tecnologia e seus usos mais a realização da atividade prática, enquanto o segundo dia foi reservado para as apresentações, discussões e a conclusão dos materiais.

Finalizada a realização da oficina, as análises debatidas com os participantes foram as reflexões sobre as possíveis relações da mediação tecnológica nas práticas educativas, a partir das discussões trazidas pelos professores. Também foi discutido sobre os processos de ensino-aprendizagem em rede, considerando os novos contextos digitais e as novas formas de desenvolver conhecimentos em grupo, tendo como indicador principal a concretização do objetivo geral: propiciar a atualização de conhecimentos para os docentes da rede pública, criar um ambiente de trocas de experiências entre as vivências e as práticas educacionais de professores e as diferentes propostas desenvolvidas na USP e atender a necessidade de atualização na formação dos docentes de todos os níveis de ensino, abordando questões relativas à presença da mídia como ator social e mediação educativa para explorá-la como conteúdo e como estratégia de suas práticas pedagógicas.

Importante ressaltar também que o diferencial da proposta de oficina utilizando das ferramentas do *Google*, foi abordar o conceito e as práticas da relação entre a comunicação e a

educação, enquanto procedimentos favorecedores de ações interdisciplinares (visto que os participantes lecionavam distintas disciplinas escolares), tanto no âmbito da relação dos adolescentes e jovens com o mundo da mídia (educação para uma recepção ativa das mensagens dos meios de comunicação), quanto no âmbito do emprego dos recursos da informação, como exercícios que viabilizem o protagonismo dos professores no domínio das novas linguagens.

RESULTADOS

Os principais resultados alcançados foram:

Para os participantes

Durante a execução da oficina, foi possível observar um momento de grande experimentação sobre os usos da tecnologia por parte dos professores. Sendo um público mais velho, com grande experiência em sala de aula, comumente há certa resistência e desconfiança por parte dos docentes que não adotam as tecnologias dentro do contexto escolar, nem pessoal.

Os estudantes, em sua maioria, apresentam um domínio muito maior, mais rápido e mais instantâneos das tecnologias, no caso, programas, aplicativos e atualizações de *software* tão logo são lançados no mercado, resultando em uma inversão de papéis em que os discentes ensinam, muitas vezes, as novidades do mundo digital para os docentes (quando estes demonstram abertura para essa troca), o que, por sua vez (dependendo também das experiências anteriores do profissional com certas tecnologias), gera receio e sentimento de frustração no profissional ao não conseguir acompanhar as novas tecnologias.

Esta observação chegou a ser trazida por alguns dos participantes, que entusiasmados, compreendiam que aquele encontro viabilizou um momento de pausa em suas atividades rotineiras para descobertas e incentivo ao uso constante dessas novas ferramentas, além de ser um espaço para livre descoberta, em que não havia punições por erros, tampouco avaliações somativas sobre os conhecimentos absorvidos.

Neste sentido, a oficina também contribuiu para desmistificar o conceito de “difícil” adotado por parte dos professores (cabe esclarecer que o público da oficina veio espontaneamente, o que revela vontade e abertura por parte deles em aprender também). Assim, a condução dos exercícios, orientações e explicações mostrou-se de forma natural, não impositiva (como, muitas vezes, acontece no contexto escolar), facilitando a aprendizagem e o estímulo a descoberta de diferentes mecanismos na navegação do *Gmail*, por exemplo.

Outro momento de grande descoberta foi em relação ao recurso de compartilhar documento, disponível no *Documentos Google*. Por ter sido o primeiro contato de alguns deles ao compartilhar um arquivo *online* em que diferentes pessoas têm acesso simultâneo (no caso, os trios estavam separados em diferentes ambientes), os monitores acompanharam reações desde surpresa até curiosidade e espanto frente a um recurso tão inovador possibilitado via Internet. Afinal, por terem experiências mais analógicas do que digitais, muitos desconheciam essa possibilidade de diferentes pessoas contribuindo para a produção de um único documento, em um cenário fortemente colaborativo.

Assim, os monitores incentivaram o primeiro momento com a descoberta dos recursos disponíveis, como inserção de texto, imagens, tópicos e conversa entre os envolvidos. A seguir, o exercício envolvendo o *Documentos Google* foi para que os trios elaborassem uma pesquisa, de tema livre, elaborando um texto colaborativo, inserindo imagens e incluindo diferentes formatações de fontes e cores para que enviassem para os *e-mails* dos respectivos monitores de cada ambiente. O exercício não apresentava caráter avaliativo, mas servia como evidência de que os participantes conseguiram completar todas as etapas, contribuindo para a aprendizagem dos recursos mais recorrentes do *Google*.

A partir dos estímulos, das experimentações e do uso constante dos recursos vistos na oficina, os integrantes viram na prática quão significativas foram as contribuições que o projeto apresentou para os professores, pois apesar de ter pouco tempo para ser completamente explorado, as ferramentas apresentadas podem ser facilmente adotadas durante as atividades escolares, atualizando o profissional para capacitar e auxiliar os estudantes enquanto ele não se sente frustrado, tampouco desatualizado frente aos desafios do cenário digital em que esses estudantes estão fortemente inseridos.

Para o programa Encontro USP-Escola

Uma das principais contribuições da oficina para o programa de extensão foi atender a necessidade de ter projetos, debates, discussões, oficinas ou programas que envolvem, abordam e aplicam as tecnologias no contexto escolar, pois há uma demanda exponencial por competências digitais e tecnológicas, refletida em diferentes áreas da sociedade. Majoritariamente, as demandas do mercado profissional envolvem usos de diferentes recursos tecnológicos, sendo muitas vezes, critério de escolha entre potenciais candidatos. O contexto social atual também está fortemente digitalizado, seja pelo computador, pelo celular ou por outro terminal tecnológico, temos um número cada vez maior de pessoas conectadas pela Internet, cabendo também a universidade retratar esta realidade e contribuir recorrentemente para atender essa demanda.

Além da oficina realizada em 2015, o projeto ocorreu também no décimo quarto e o décimo quinto encontro, realizados durante 2017 e 2018 (julho e janeiro, respectivamente), a repetição desta oficina demonstra a perene demanda que diferentes esferas sociais demandam sobre a questão de competências digitais, em variados níveis. Assim, houve um aperfeiçoamento a partir da primeira oficina, realizada em 2015, sendo ajustado a carga horária para aplicar certo tempo em novos recursos das ferramentas *Google*, como o *Apresentações Google* e mais recursos do *Gmail*, como organização de *e-mails* em pastas, assinatura e a ferramenta *Google Hangout*¹⁰⁴.

O grupo identificou estas melhorias a partir do novo convite feito pelo orientador, demonstrando a relevância da temática e o sucesso da oficina aplicada em 2015, assim, após discussões internas sobre o que poderia ser apresentado, o grupo definiu quais ferramentas seriam incluídas em uma carga horária de 7 horas, mantendo as explicações conceituais elaboradas para a primeira oficina.

Para futuras oficinas, cabe abordar atualizações das ferramentas *Google* e montar uma atividade que envolva diferentes recursos dentro do mesmo tema para a entrega de um conjunto de arquivos relacionados, utilizando o *Documentos Google*, *Apresentações Google*, *Planilhas Google*, e *Gmail*, por exemplo, sendo possível também testar o nível de

¹⁰⁴ A ferramenta passou por atualização recente e passou a ser chamada de *Google Meet*.

conhecimento absorvidos pelos participantes, ao final, sem caráter institucional, por estar inserido na grade do programa de extensão.

Para o grupo responsável pelo planejamento e aplicação da oficina

O principal resultado foi compreender o processo de desenvolvimento da habilidade de mediação tecnológica e gestão de projetos, pois, ao realizar todas as etapas de planejamento, construção teórica, análises, justificativas e materiais que estavam ao encontro dos objetivos propostos no programa de extensão, houve o ganho de aprendizado para todos os sujeitos, que conseguiram realizar de forma satisfatória toda a execução do projeto, agregando tais ganhos ao repertório individual de cada envolvido, de acordo com o seu grau de envolvimento.

A preparação dessa oficina envolveu várias etapas que exigiram horas de gestão, de comunicação, de logística e de produção de materiais, contando com total apoio da Escola de Comunicações e Artes, que disponibilizou os computadores para acesso, Internet e demais recursos necessários para que a execução fosse realizada da forma mais próxima ao idealizado no planejamento.

O amadurecimento acadêmico, fruto das provocações e reflexões vivenciadas pelo grupo, apresentado brevemente no referencial teórico deste artigo, também demonstra os resultados atingidos pelo grupo, de forma que foi possível visualizar relações da mediação tecnológica nas práticas educativas, a partir do que foi vivenciado e observado na oficina, complementada com as discussões e percepções trazidas pelos professores.

Para além dos resultados obtidos na oficina, a participação, o envolvimento e o cuidado do grupo para com esta oficina também virou uma referência para os professores da graduação, que satisfeitos com os ganhos e a experiência vivenciada, incentivaram outros estudantes para que também realizassem projetos com práticas educacionais, tratando este exemplo como um *case* de sucesso nas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criada como um trabalho de conclusão de uma disciplina acadêmica, a oportunidade de ir além da sala de aula e realizar todo o desenvolvimento prático do projeto foi uma oportunidade muito enriquecedora: tanto por trabalhar com um público mais experiente, docentes em atuação nas escolas municipais e estaduais, como por planejar e realizar toda a gestão da oficina, apresentando os possíveis usos em sala de aula, de modo a contribuir com a mediação entre os estudantes, os professores e as ferramentas do *Google* em um programa de extensão da Universidade de São Paulo.

Dentro do contexto em que ela ocorreu, com equipamentos e recursos disponíveis; monitores que apresentavam domínio sobre os principais recursos das ferramentas abordadas; e em um ambiente formal de aprendizagem, é possível afirmar que as práticas educacionais funcionam para contribuir para a melhoria do processo educacional, visto que as ferramentas e recursos praticados no período do projeto podem ser facilmente aplicados na vida profissional e pessoal dos docentes, assim como, acredita-se, são incorporadas às vidas da maior parte dos discentes.

Fora do cenário em que foi executado nesta oficina, há mais barreiras (sejam institucionais, como proibir o uso de celulares dentro da sala de aula, por exemplo, ou por falta de recursos públicos), que dificultam o processo de mediação, mas não são impeditivos totais para que este processo aconteça, visto que há possibilidades com uso de celulares ou computadores disponíveis em espaços públicos, como centros comunitários, centros de inclusão digital e bibliotecas, adequando os usos desejados ao contexto institucional em que os estudantes estão inseridos, principalmente considerando os desafios educacionais que estão acontecendo atualmente, com toda a complexidade do ensino a distância.

Outro fator, observado durante a oficina, que influencia positivamente o processo de mediação tecnológica são experiências prévias que o docente possui em relação a tecnologia que se deseja adotar com os alunos. Ao ter dificuldades para navegar, não encontrar o recurso desejado ou não entender a linguagem apresentada na tela (a maior parte dos *softwares* e aplicativos produzidos no mercado estão em inglês), o docente se sente desestimulado a adotar aquela ferramenta em seu dia a dia e dificilmente irá aplicá-la para a sala de aula.

Neste sentido, os docentes que já conheciam as ferramentas do *Google* conseguiram explorá-las de forma mais ampla, procurando novos recursos, como configurações do *Gmail* e

do *Google Drive*, além do *Formulários Google*. Por ter uma navegação intuitiva, rápida e acessível, os recursos escolhidos objetivaram também a reprodução para sala de aula, visto que a diversidade de ferramentas da empresa possibilita múltiplos usos, inclusive para avaliações (que não chegou a ser explorado formalmente na oficina).

Como consideração final, o grupo acredita ter contribuído com o processo de mudança digital da sociedade, desenvolvendo a oficina com os professores de diversas áreas educacionais da rede pública municipal e estadual do ensino fundamental e médio, para trocar experiências e vivências, com espaços para discussão, atividade e apresentação de conceitos tecnológicos para estimular a participação e o desenvolvimento da habilidade de mediação, dentro do programa de extensão.

Após a finalização do 10º Encontro USP-Escola, o projeto “Conhecendo o Google Drive” continuou em andamento, sendo realizado nas 11º e 15º edições do programa USP-Escola, em 2015 e 2018, respectivamente, e se tornando até um projeto de capacitação tecnológica para os funcionários administrativos da Escola de Comunicações e Artes, e mais recentemente, sendo o objeto de análise e reflexão para o X Simpósio Nacional da ABCiber, e agora, para a revista INICIACOM, de modo que ele continua ativo, sendo aprimorado a cada nova edição.

REFERÊNCIAS

COSTA, Edson. **Mediação da aprendizagem e o perfil profissional do educador: o mediador no contexto da práxis e prática educacionais**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

COMISSÃO de Cultura e Extensão do Instituto de Física da USP. **Relatório anual de Atividades**. CCEx-IF. 2015. Disponível em: <http://portal.if.usp.br/extensao/sites/portal.if.usp.br/extensao/files/Relatorio2015.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2018.

FUNDAÇÃO Para a Ciência e Tecnologia. **Competências Digitais**. Portugal. Sem data. Disponível em: <https://www.fct.pt/dsi/competenciasdigitais/>. Acesso em: 25 jan. 2018.

LOPES, Priscila Malaquias Alves; MELO, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e. O uso das tecnologias digitais em educação: seguindo um fenômeno em construção. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 38, p. 49-61, jun. 2014.

MIRANDA, Guilhermina Lobato. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Sísifo** - Revista de Ciências da Educação, n. 3, p. 41-50, mai./ago. 2007.

POZO, Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. **Revista Pátio**, v. 8, n. 31. 2004.

SANDHOLTZ, J. Haymore. **Ensinando com tecnologia**: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, n. 19, p.12-24, set./dez. 1996.

SOARES, Ismar de O. **Entenda a Educomunicação**. [Entrevista cedida a] Revista Geografia. São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe.7,1159>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SOARES-Leite, W. S.; NASCIMENTO-Ribeiro, C. A. do (2012). A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magi** - Revista Internacional de Investigación en Educación, v. 5, n.10, p. 173-187, 2012.

UNESCO. **TIC na educação do Brasil**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/communication-and-information/access-to-knowledge/ict-in-education/>. Acesso em: 28 set. 2017.